

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO I – Espíritos

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Origem e Natureza dos Espíritos	O Livro dos Espíritos	03
Há Espíritos?	O Livro dos Médiuns	05
Necessidade da ideia de Deus	O Grande Enigma	09
II – Mundo Normal Primitivo	O Livro dos Espíritos	10
O mundo normal	O Consolador	11
O Livro dos Espíritos	O Consolador	12
III – Forma e Ubiquidade dos espíritos	O Livro dos Espíritos	14
Forma e Ubiquidade dos Espíritos	O Consolador	15
Entenda o Conceito de Ubiquidade	O Consolador	17
IV – Perispírito	O Livro dos Espíritos	19
Natureza e propriedade do perispírito	O Consolador	20
Perispírito & Evolução	O Consolador	22
V – Diferentes Ordem de Espíritos	O Livro dos Espíritos	24
Diferentes ordens de Espíritos: Escala Espírita	O Consolador	25
Diferentes ordens e progressão dos Espíritos	O consolador	27
VI – Escala Espírita	O Livro dos Espíritos	29
A Escala Espírita	O Consolador	34
VII – Progressão dos Espíritos	O Livro dos Espíritos	37
Educação de Além-túmulo	Revista Espírita	40
Progresso nas primeiras encarnações	Revista Espírita	42
VIII – Anjos e demônios	O Livro dos Espíritos	44
O Céu e o inferno	O Consolador	46

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
Capítulo I – Espíritos

I – ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS

76. Que definição se pode dar dos Espíritos?

“Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.”

Nota — A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo.

77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou serão simples emanções ou porções desta e, por isto, denominados filhos de Deus?

“Meu Deus! São obra de Deus, exatamente qual a máquina o é do homem que a fabrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem. Sabes que, quando faz alguma coisa bela, útil, o homem lhe chama sua filha, criação sua. Pois bem! O mesmo se dá com relação a Deus: somos seus filhos, pois que somos obra sua.”

78. Os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus, de toda a eternidade?

“Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável.

Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseres com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente.

Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.”

79. Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?

“Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.”

80. A criação dos Espíritos é permanente, ou só se deu na origem dos tempos?

“É permanente. Quer dizer: Deus jamais deixou de criar.”

81. Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros?

“Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.”

82. Será certo dizer-se que os Espíritos são imateriais?

“Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.”

Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria.

Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença se julga capaz de todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as ideias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Nós outros somos

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da imaginação.

83. Os Espíritos têm fim? Compreende-se que seja eterno o princípio donde eles emanam, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dissemina e volta à massa donde saiu, como sucede com os corpos materiais. É difícil de conceber-se que uma coisa que teve começo possa não ter fim.

“Há muitas coisas que não compreendeis, porque tendes limitada a inteligência. Isso, porém, não é razão para que as repilais. O filho não compreende tudo o que a seu pai é compreensível, nem o ignorante tudo o que o sábio apreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer.”

Há Espíritos?

1. A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança.

Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, relativamente à religião, os que, chocados por certos abusos, tudo englobam numa só condenação.

Seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no Espiritualismo a sua demonstração teórica e dogmática e, no Espiritismo, a demonstração positiva. Abstraiamos, por um momento, das manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que conseqüências chegaremos.

2. Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é também se admita:

1º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo;

2º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou de sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que possuí-la de nada nos valeria. Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte.

Que vem a ser feito dela e para onde vai?

Segundo a crença vulgar, vai para o céu, ou para o inferno. Mas, onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu era em cima e o inferno embaixo. Porém, o que são o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhecem a esfericidade da Terra, o movimento dos astros, movimento que faz com que o que em dado instante está no alto esteja, doze horas depois, embaixo, e o infinito do espaço, através do qual o olhar penetra, indo a distâncias consideráveis?

Verdade é que por lugares inferiores também se designam as profundezas da Terra. Mas, que vêm a ser essas profundezas, desde que a Geologia as esquadrinhou? Que ficaram sendo, igualmente, as esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu das estrelas, desde que se verificou que a Terra não é o centro dos mundos, que mesmo o nosso Sol não é único, que milhões de sóis brilham no Espaço, constituindo cada um o centro de um turbilhão planetário?

A que ficou reduzida a importância da Terra, mergulhada nessa imensidade? Por que injustificável privilégio este quase imperceptível grão de areia, que não avulta pelo seu volume, nem pela sua posição, nem pelo papel que lhe cabe desempenhar, seria o único planeta povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir semelhante nulidade do infinito e tudo nos diz que os diferentes mundos são habitados. Ora, se são povoados, também fornecem seus contingentes para o mundo das almas. Porém, ainda uma vez, que terá sido feito dessas almas, depois que a Astronomia e a Geologia destruíram as moradas que se lhes destinavam e, sobretudo, depois que a teoria, tão racional, da pluralidade dos mundos, as multiplicou ao infinito?

Não podendo a doutrina da localização das almas harmonizar-se com os dados da Ciência, outra doutrina mais lógica lhes assina por domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: formam elas um mundo invisível, em o qual vivemos imersos, que nos cerca e

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

acotovela incessantemente. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que repugne à razão? De modo nenhum; tudo, ao contrário, nos afirma que não pode ser de outra maneira.

Mas, então, que vem a ser das penas e recompensas futuras, desde que se lhes suprimam os lugares especiais onde se efetivem? Notai que a incredulidade, com relação a tais penas e recompensas, provam geralmente de serem umas e outras apresentadas em condições inadmissíveis.

Dizei, em vez disso, que as almas tiram de si mesmas a sua felicidade ou a sua desgraça; que a sorte lhes está subordinada ao estado moral; que a reunião das que se votam mútua simpatia e são boas representa para elas uma fonte de ventura; que, de acordo com o grau de purificação que tenham alcançado, penetram e entreveem coisas que almas grosseiras não distinguem, e toda gente compreenderá sem dificuldade. Dizei mais que as almas não atingem o grau supremo, senão pelos esforços que façam por se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação; que os anjos são almas que galgaram o último grau da escala, grau que todas podem atingir, tendo boa vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo, que se sentem ditosos com o desempenho dessas missões gloriosas, e lhes tereis dado à felicidade um fim mais útil e mais atraente, do que fazendo-a consistir numa contemplação perpétua, que não passaria de perpétua inutilidade.

Dizei, finalmente, que os demônios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem, como as outras, ascender ao mais alto cume da perfeição e isto parecerá mais conforme a justiça e à bondade de Deus, do que a doutrina que os dá como criados para o mal e ao mal destinados eternamente. Ainda uma vez: aí tendes o que a mais severa razão, a mais rigorosa lógica, o bom-senso, em suma, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o a que se chama Espíritos. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. Mais hipotética lhes seria a existência, se fossem seres à parte. Se, porém, se admitir que há almas, necessário também será se admita que os Espíritos são simplesmente as almas e nada mais. Se se admite que as almas estão por toda parte, ter-se-á que admitir, do mesmo modo, que os Espíritos estão por toda parte. Possível, portanto, não fora negar a existência dos Espíritos, sem negar a das almas.

3. Isto não passa, é certo, de uma teoria mais racional do que a outra. Porém, já é muito que seja uma teoria que nem a razão, nem a ciência repelem. Acresce que, se os fatos a corroboram, tem ela por si a sanção do raciocínio e da experiência.

Esses fatos se nos deparam no fenômeno das manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Muitas pessoas há, entretanto, cuja crença não vai além desse ponto; que admitem a existência das almas e, conseqüentemente, a dos Espíritos, mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria. Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem ideia muito falsa, supondo-os erradamente seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é real.

Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de perispírito. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos.

Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarificados fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?

4. A existência da alma e a de Deus, consequência uma da outra, constituindo a base de todo o edifício, antes de travarmos qualquer discussão espírita, importa indagarmos se o nosso interlocutor admite essa base. Se a estas questões:

Credes em Deus?

Credes que tendes uma alma?

Credes na sobrevivência da alma após a morte? Responder negativamente, ou, mesmo, se disser simplesmente:

Não sei; desejara que assim fosse, mas não tenho a certeza disso, o que, quase sempre, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente o a que ele chama preconceitos respeitáveis, tão inútil seria ir além, como querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz. Porque, em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeitos das propriedades da alma.

Com semelhante interlocutor, se se não quiser perder tempo, ter-se-á que seguir muito diversa ordem de ideias.

Admitida que seja a base, não como simples probabilidade, mas como coisa averiguada, incontestável, dela muito naturalmente decorrerá a existência dos Espíritos.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias.

Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido?

6. Abstraiamos, por instante, dos fatos que ao nosso, ver, tornam incontestável a realidade dessa comunicação; admitámo-la apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que suas opiniões pessoais não podem constituir lei, mas expendendo razões peremptórias, que tal coisa não pode dar-se. Colocando-nos no terreno em que eles se colocam, uma vez que entendem de apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica e provem por, a mais b, partindo sempre do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1º que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte;

2º que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou;

3º que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles;

4º que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6º que não pode, por meio do seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte;

7º que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8º que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

9º que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes quais as com que Galileu demonstrou que o Sol não é que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação a que recorrem se resume nestas palavras: Não creio, logo isto é impossível. Dir-nos-ão, com certeza, que nos cabe a nós provar a realidade das manifestações. Ora, nós lhes damos, pelos fatos e pelo raciocínio, a prova de que elas são reais. Mas, se não admitem nem uma, nem outra coisa, se chegam mesmo a negar o que vêem, toca-lhes a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

Necessidade da Ideia de Deus

..... “Não há efeito sem causa”, disse Allan Kardec, “e todo efeito inteligente tem forçosamente uma causa inteligente.” Eis o princípio sobre o qual repousa o Espiritismo inteiro. Este princípio, quando o aplicamos às manifestações de além-túmulo, demonstra a existência dos espíritos.

Aplicado ao estudo do mundo e das leis universais, demonstra a existência de uma causa inteligente no Universo.

É por que a existência de Deus constitui um dos pontos essenciais do ensino espírita. Acrescento que ele é inseparável do restante desse ensino, porque, nesse último, tudo se liga, se coordena, e se encadeia. Que não nos falem de dogmas! O Espiritismo não os, comporta.

Ele nada impõe; ele ensina. Todo ensino tem seus princípios. A ideia de Deus é um dos princípios fundamentais do Espiritismo.

Às vezes, nos dizem: De que adianta ocupar-se com essa questão de Deus? A existência de Deus não pode ser provada!

Ou ainda: a existência de Deus ou sua não existência não tem influência na vida das massas, na vida da Humanidade.

Ocupemo-nos de algo mais prático; não percamos nosso tempo com vãs dissertações, com discussões metafísicas.

Pois bem! Que agrade ou não àqueles que usam esta linguagem, repetirei que a questão de Deus é a questão suprema, a questão vital por excelência; responderei que o homem não pode desinteressar-se dela, porque o homem é um ser.

O homem vive, e importa-lhe saber qual é a fonte, qual é a causa, qual é a lei da vida.

A opinião que se tem da causa, da lei do Universo, essa opinião, queira ele ou não, saiba ele ou não, reflete-se nos seus atos, em toda sua vida pública ou privada.

Qualquer que seja a ignorância do homem a respeito das leis superiores, na realidade, é conforme a ideia que ele faz dessas leis, por mais vaga e confusa que possa ser, é de acordo com ela que ele age. Essa opinião sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida — notem que esses três temas são inseparáveis — essa opinião, as sociedades humanas dela vivem e por ela morrem! É ela que divide a Humanidade em dois campos.

E veem-se por toda a parte famílias em desacordo, em desunião intelectual, porque há vários sistemas a respeito de Deus: o padre tendo inculcado um à mulher; o professor tendo ensinado o outro ao homem, quando não lhe sugeriu a ideia do nada.

Aliás essas disputas, essas contradições se explicam.

Elas têm sua razão de ser. É preciso lembrar que nem todas as inteligências chegaram ao mesmo ponto de evolução; que nem todos podem ver e compreender da mesma maneira e em todos os sentidos.

Daí, tantas opiniões, crenças diversas. A possibilidade que temos de compreender, de julgar, de discernir não se desenvolve em nós senão lentamente, de séculos em séculos, de existências em existências.

Nosso conhecimento, nossa compreensão das coisas, completa-se e se clareia à medida que nos elevamos na escala imensa dos renascimentos.

Todo o mundo sabe: aquele que está colocado ao pé da montanha não pode ver o que contempla aquele que chegou ao cume.

Porém, prosseguindo sua ascensão, um chegará a ver as mesmas coisas que o outro. Acontece o mesmo com o espírito na sua ascensão gradual.

O Universo só se desvenda para ele pouco a pouco, à medida que sua capacidade de compreender-lhe as leis se desenvolve e aumenta.

Daí vêm os sistemas, as escolas filosóficas e religiosas que respondem aos diferentes graus de adiantamento dos espíritos que aí se classificam e, frequentemente, se confinam.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

II – MUNDO NORMAL PRIMITIVO

84. Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos?

“Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas.”

85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas?

“O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.”

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?

“Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem.”

87. Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço?

“Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados.”

Crônicas e Artigos

478 – 14/08/2016

O Consolador – (Cláudio Viana Silveira)

II. Mundo Normal Primitivo

O Mundo Normal

O codificador do Espiritismo, iluminado pelos Sábios, escreveu em O Livro dos Espíritos: “O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita”.

(Introdução, item VI.)

Vivemos num frenesi tão grande neste Planeta como se o único fosse, como se esta vida fosse exclusiva, principal. Não é assim! É verdade que pela infinita Justiça e Bondade de nosso Criador, de tempos em tempos experimentamos um novo, diversificado e alternativo corpo de carne para vivermos novas experiências regenerativas num mundo também material. Mas o que dele temos feito? Como o utilizamos nas variadas estações nas quais apeamos?

É possível que ainda não tenhamos entendido:

*A efemeridade destas passagens e o quanto elas representam para aquisição de nosso verdadeiro passaporte para o mundo normal;

*Que em mais esta passagem, estamos aqui tratando de libertação: da nossa e, como cooperados, auxiliando na libertação dos associados à cooperativa;

*Que o “**mundo normal**” nos aguarda; que ele é a verdadeira conquista: Qual esfera nos espera após a estação terrena? A que for compatível com ‘a mala’ que temos preparada!...

*Que os dias por aqui são rápidos e que dessa forma precisam ser aproveitados: se os gozos aqui são efêmeros, no mundo normal serão eternos;

*Que a chance da reencarnação é de ouro: Quantos não estão esperando tal oportunidade!

*Que tal diminuta fração de tempo é hora de plantação: o que por aqui semearmos, colheremos por lá.

*

Deparar-nos com o Cristo não é segui-lo. Segui-lo exige-nos abdicar das efemeridades desta curta romagem e dar atenção às coisas que realmente nos servirão para o futuro. Tudo por aqui nos é emprestado; é-nos dado gerenciar. Viver no mundo, meio às coisas que lhe são peculiares, não significa que iremos levá-las em nossa mala. O mundo e suas coisas materiais serão bons enquanto nos forem úteis a avanços morais.

O quanto evoluirmos na presente estação validará ou invalidará nossa passagem por ela.

Por um pouco, por aqui, muitas vezes perdemos o muito!.

Referência:

Emmanuel, Fonte Viva, (psicografia Chico Xavier), (cap 42 – Por um pouco.)

14. Se quereis respostas sérias dos Espíritos, sede sérios vós mesmos. Sede, além disso, laboriosos e perseverantes em vossos estudos, sem o que os Espíritos superiores vos abandonarão, como faz um professor com os alunos negligentes.
(Introd., VIII)

15. No mundo dos Espíritos há também uma sociedade má e uma boa. A cidade celeste não contém apenas a escória popular.
(Introd., X)

16. Os Espíritos confirmam as palavras do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos serão exaltados”. É assim que aquele que foi o primeiro na Terra pode no mundo dos Espíritos encontrar-se entre os últimos, e aquele perante o qual curvamos a cabeça nesta vida pode voltar entre nós como o mais humilde artesão.
(Introd., XI)

17. Os Espíritos que atingiram certo grau de evolução são os únicos libertos de toda a influência corporal. Mas, quando não estão completamente desmaterializados, conservam a maior parte das ideias, dos pendores e até mesmo das manias que tinham na Terra.
(Introd., XII)

18. Os Espíritos do mesmo grau, do mesmo caráter e animados dos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos e em famílias. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, portanto, vir em seu lugar, às vezes mesmo com o seu nome, porque é idêntico a ele e pode substituí-lo e porque necessitamos de um nome para fixar nossas ideias.
(Introd., XII)

19. Evidentemente, a substituição dos Espíritos pode ocasionar uma porção de enganos, resultar em erros e muitas vezes em mistificações. Esta é uma das dificuldades do Espiritismo prático. Mas jamais dissemos que esta ciência fosse fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando. Nunca será demais repetir que ela exige estudo constante e quase sempre bastante prolongado.
(Introd., XII)

20. Os Espíritos superiores não se preocupam absolutamente com a forma; para eles, a essência do pensamento é tudo.
(Introd., XIII)

21. Livres da matéria, sua linguagem é rápida como o pensamento, pois é o próprio pensamento que entre eles se comunica sem intermediários. Compreende-se, portanto, que os Espíritos liguem pouca importância às puerilidades ortográficas, principalmente quando se trata de um ensinamento profundo e sério. Não é, aliás, maravilhoso que eles se expressem indiferentemente em todas as línguas, a todas compreendendo? Não se deve concluir, porém, que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida, pois eles a observam quando necessário.
(Introd., XIV)

22. A loucura tem por causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a determinadas impressões. Havendo essa predisposição, ela se manifestará com o caráter da preocupação principal do indivíduo, que se tornará uma ideia fixa.
(Introd., XV)

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

23. O medo do diabo já desequilibrou mais de um cérebro. Não se têm levado em conta as epilepsias causadas pelo abalo que o temor do diabo provoca em cérebros delicados, sobretudo na infância.

(Introd., XV)

24. A teoria sonambúlica e a teoria do reflexo foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, formuladas para explicar um fato, enquanto que a doutrina dos Espíritos não é uma concepção humana: foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém a imaginava e a opinião geral até mesmo a repelia.

(Introd., XVI)

25. O ceticismo, no tocante à doutrina espírita, quando não resulta de uma oposição sistemática, interesseira, provém quase sempre de um conhecimento incompleto dos fatos.

(Introd., XVII)

26. A verdadeira doutrina espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento encerra são muito sérios para serem adquiridos por outro modo senão por um estudo profundo e continuado, feito no silêncio e no recolhimento.

(Introd., XVII)

III – FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS

88. Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante?

“Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.”

a) — Essa chama ou centelha tem cor?

“Tem uma coloração que, para vós, vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro.”

Representam-se de ordinário os gênios com uma chama ou estrela na fronte. É uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça, porque aí está a sede da inteligência.

89. Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço?

“Sim, mas fazem-no com a rapidez do pensamento.”

a) — O pensamento não é a própria alma que se transporta?

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado ao lugar onde quer ir?

“Dá-se uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, inteirar-se da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo isso da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.”

91. A matéria opõe obstáculo aos Espíritos?

“Nenhum; eles passam através de tudo. O ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

92. Têm os Espíritos o dom da ubiquidade? Por outras palavras: um Espírito pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo?

“Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas, cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.”

a) — Todos os Espíritos irradiam com igual força?

“Longe disso. Essa força depende do grau de pureza de cada um.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido unicamente é que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos. Dá-se com eles o que se dá com uma centelha, que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte; ou, ainda, o que se dá com um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, transmite ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano III. Forma e Ubiquidade dos Espíritos

68 – 10/08/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

Forma e Ubiquidade dos Espíritos

O Espírito é uma chama, um clarão, uma centelha etérea

1. Consultados por Kardec se os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante, os Espíritos Superiores responderam: “Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea” (L.E., 88). Em seguida, complementando o assunto, esclareceram que essa chama ou centelha tem uma coloração que vai, aos olhos humanos, do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito seja mais ou menos puro.

2. Vê-se, pelas explicações mencionadas, que os Espíritos procuraram estabelecer uma comparação, embora pálida, do que existe no plano espiritual, quanto à forma e à cor dos Espíritos, com as limitações do nosso mundo físico e dos nossos sentidos.

3. Fica claro à vista dos ensinamentos espíritas que os Espíritos têm forma e cor, mas só por alto se pode compará-las com a forma e a cor que estamos, como seres encarnados, acostumados a observar.

4. Gabriel Delanne assevera: “A Ciência ensina-nos que os nossos sentidos apenas nos fazem conhecer ínfima parte da natureza, porém que, além e aquém dos limites impostos às nossas sensações, existem vibrações sutis, em número infinito, que constituem modos de existência de que não podemos formar ideia, por falta de palavras para exprimi-la” (O Fenômeno Espírita, pág. 213).

Os Espíritos são indivisíveis e não podem ser fracionados

5. Segundo Delanne, a alma assiste, desse modo, a espetáculos que não temos meios de descrever, ouve harmonias que nenhum ouvido humano tem apreciado e se move em completa oposição às condições de viabilidade terrestre. “O Espírito libertado das cadeias do corpo – assevera ele – não tem mais necessidade de alimentar-se, não se arrasta mais pelo solo: a matéria imponderável de que é formado permite-lhe transportar-se para os mais longínquos lugares com a rapidez do relâmpago, e, segundo o grau do seu adiantamento moral, suas ocupações espirituais afastam-se mais ou menos das preocupações que nutria na Terra.” (Obra citada.)

6. Questionados sobre se os Espíritos têm o dom da ubiquidade (1), ou seja, se um Espírito pode dividir-se ou estar em muitos pontos ao mesmo tempo, os imortais disseram: “Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um só. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide” (L.E., 92).

7. Observa-se assim que os Espíritos são indivisíveis e constituem uma unidade que não pode ser fracionada. Podem ser percebidos em mais de um lugar por efeito do seu poder de irradiação, poder esse que pode ser maior ou menor, dependendo do grau de pureza de cada um. Esse fato nos permite compreender um fenômeno muitas vezes verificado, em que se registra a presença de Espíritos Superiores em diversos lugares ao mesmo tempo.

8. O fenômeno da ubiquidade guarda, de certa forma, relação com o fenômeno da bicorporeidade. Como sabemos, isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva pode – como o de um morto – mostrar-se com todas as aparências da realidade e até mesmo adquirir momentânea

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

tangibilidade. Esse fenômeno conhecido pelo nome de bicorporeidade foi que deu azo às histórias dos homens duplos, ou seja, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. (Leia sobre o assunto “O Livro dos Médiuns”, item 119.)

O poder de irradiação aumenta com a evolução da alma

9. O fenômeno da bicorporeidade ocorre quando o Espírito está encarnado. Estando a pessoa adormecida, ou num estado mais ou menos extático, pode o seu Espírito, desligado do corpo, aparecer, falar e mesmo tornar-se tangível.

10. Em tais casos, se o fenômeno for autêntico, poder-se-á comprovar que a pessoa se encontrava em dois lugares ao mesmo tempo, só que em um lugar estava o corpo material e no outro lugar o Espírito revestido pelo seu corpo espiritual ou perispírito.

11. No fenômeno da ubiquidade, como já dissemos, o Espírito não se divide para estar em dois lugares diferentes. Ele irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Ocorre aí o que se dá com a luz, que pode refletir-se para todos os lados e ser vista simultaneamente em muitos espelhos.

12. Quanto mais evoluído for o Espírito, maior será seu poder de irradiação, mais potente será seu dom de ubiquidade relativa. Tanto na bicorporeidade como na ubiquidade, vê-se que o perispírito desempenha um papel fundamental, o que mostra ser indispensável um maior conhecimento acerca do corpo perispiritual, objeto de estudo de inúmeras obras, como o livro *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, e *A Evolução Anímica*, de Gabriel Delanne.

(1) Ubiquidade é o nome que se dá à propriedade ou ao estado de ubíquo ou onipresente; ubiquação, onipresença.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 88 e 92.)

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (2ª Parte, item 119.)

Delanne Gabriel, O Fenômeno Espírita, (Parte 4ª, pág. 213.)

André Luiz, *Evolução em Dois Mundos*,
(psicografia Chico Xavier, Waldo Vieira),(Parte 2ª, pág. 174.)

Crônicas e Artigos

96 – 01/03/2009

O Consolador – (Renato Costa)

III. Forma e Ubiquidade dos Espíritos

Entendendo o conceito de Ubiquidade

O Evangelho segundo Mateus, em seu capítulo 18, versículo 20, relata que o Mestre teria dito aos seus discípulos:

“Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”.

A afirmação atribuída a Jesus pode ser vista por algum estudioso espírita como uma figura de linguagem. Afinal, sabendo nós que Jesus não é Deus, mas uma criatura como todos nós, apesar de imensamente mais evoluído, o dom da ubiquidade parece não ser a ele atribuível. Mas, o que será que a Doutrina nos ensina sobre o assunto?

Na questão 92, de O Livro dos Espíritos, tratando do tema, perguntou Kardec:

“Têm os Espíritos o dom da ubiquidade [sic]? Por outras palavras: um Espírito pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo?”

Responderam os Espíritos:

“Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide”.

Observa-se, na pergunta 92, que Kardec quis deixar bem claro o que estava querendo saber, certamente não para que os Espíritos o compreendessem, mas sim para que aqueles que viessem a estudar O Livro dos Espíritos não ficassem com dúvidas quanto à questão. Daí o ter perguntado, a um só tempo, sobre se os Espíritos possuem ou não o dom da ubiquidade e sobre o que deveria ser entendido pelo termo ubiquidade em primeiro lugar. Ubiquidade é o mesmo que existir em mais de um lugar ao mesmo tempo, é igual a ser dividido em pedaços, cada um indo para um lugar, ou é igual a existir em um só lugar, mas ser percebido ou interagir em vários lugares ao mesmo tempo? Os Espíritos, como fizeram ao longo de toda a Codificação, deram uma resposta sábia e precisa, afirmando que o Espírito não se divide, podendo, porém, irradiar-se “em todos os sentidos, levando muito longe seus raios”. Em outras palavras, o Espírito é (existe) em um só lugar, mas pode estar em vários, ao mesmo tempo. Os Espíritos lançaram mão da bela analogia com o sol, que existe em um só lugar, mas está em uma infinidade de lugares onde sua luz e seu calor são sentidos.

O primeiro sistema de televisão somente foi inventado na primeira década do Século XX, o que não possibilitou aos Espíritos uma analogia ainda mais poderosa que a do Sol, pois aplicável a pessoas e não somente a corpos emissores de luz. Quando uma personalidade fala em cadeia nacional de televisão, seja um repórter de um telejornal, um político, um jogador famoso ou um líder de qualquer natureza, é perfeitamente lícito dizer que ele está nas casas de milhões de pessoas, mesmo sabendo todos que ele somente existe em frente à câmara que o está filmando.

O leitor poderá observar que a pessoa que está falando em nossa casa fala a mesma coisa em todas as outras casas, o que evidencia que a analogia da TV ainda é imprecisa. Concordamos plenamente. No que diz respeito ao “em vários lugares ao mesmo tempo”, tanto a analogia do sol quanto a da TV são boas, mas ambas falham em caracterizar autonomia de ação da entidade existente em um só lugar em todos os lugares onde ela está.

Para conseguirmos entender melhor a questão da ubiquidade, portanto, teremos de lançar mão de outra abordagem.

Quando estamos preocupados com determinada coisa, é comum nos depararmos com circunstâncias estranhas em que nos dá a impressão de que nossa mente está em dois lugares. Vejamos, por exemplo, o caso de uma mãe que foi trabalhar e deixou seu filhinho doente em casa,

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

apesar de tê-lo medicado. No meio de uma reunião, seu chefe ou um colega observa que ela está estranha, confundindo coisas que não costuma confundir, e lhe pergunta: “O que houve, você está tão estranha hoje, parece que está com a cabeça em outro lugar?”.

Aquilo que o jargão popular chama de “estar com a cabeça em outro lugar” é exatamente o fenômeno de que estamos falando. Nossa mente é um poderoso processador que consegue executar vários processos de raciocínio ao mesmo tempo. Quando estamos preocupados é que se torna mais fácil percebermos essa habilidade de nossa mente. Mas não é só nesses casos que isso se torna evidente. Mentes reconhecidamente notáveis, em qualquer área do conhecimento humano, sempre foram observadas ocupadas com várias atividades ao mesmo tempo e desempenhando bem em todas elas.

Nossa análise, continua com a pergunta feita por Kardec em desdobramento à resposta que os Espíritos deram à questão 92:

a) Todos os Espíritos irradiam com igual força?

“Longe disso. Essa força depende do grau de pureza de cada um”.

Ora, bem sabemos que onde pode estar nossa mente enquanto encarnados, poderemos estar como Espíritos quando nas dimensões espirituais. Pensemos, então: se nós, Espíritos imperfeitos encarnados, caminhando a tropeços para frente, submetidos à pesada influência da matéria, conseguimos manter nossa mente em mais de um lugar ao mesmo tempo, o que devemos esperar dos Bons Espíritos e daqueles que já alcançaram a Perfeição?

Nós, enquanto Espíritos imperfeitos, conseguiremos estar em uns poucos lugares ao mesmo tempo quando no plano espiritual. Na medida em que formos evoluindo, no entanto, aumentará a quantidade de lugares em que poderemos estar ao mesmo tempo, primeiramente vários, depois, muitos, para, finalmente, quando atingirmos a condição de Espíritos Puros, lograrmos estar ao mesmo tempo em toda parte onde formos convocados. Para que não tenhamos dúvida de que isso um dia irá, ocorrer, convém lembrarmos a promessa que nos fez nosso amado Mestre Jesus: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”.

Alguém julga que Jesus estava falando em sentido figurado ou temos na promessa do Mestre uma confirmação inequívoca do dom da ubiquidade?

Referência:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos.

IV – PERISPÍRITO

93. O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?

“Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”

Envolvendo o germen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

a) — Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

95. O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

“Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.”

Natureza e propriedades do perispírito

A natureza do perispírito guarda relação com a evolução da pessoa

1. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é uma condensação do fluido cósmico em torno da alma. O corpo físico, ou carnal, resulta de uma maior condensação do mesmo elemento, fato que o transforma em matéria tangível.

2. Embora tenham origem comum, que é o fluido cósmico, as transformações moleculares são diferentes nesses dois corpos, resultando daí ser o perispírito etéreo e imponderável. Ambos são, portanto, matéria, mas em estados diferentes. Conforme ensina o ministro Clarêncio, da colônia espiritual “Nosso Lar”, o corpo perispiritual é constituído à base de princípios químicos semelhantes, em suas propriedades, ao hidrogênio, a se expressarem através de moléculas significativamente distanciadas umas das outras (Entre a Terra e o Céu, cap. XXIX).

3. O Espírito forma seu envoltório perispirítico com os fluidos retirados do ambiente em que vive. Como a natureza dos mundos varia conforme o seu grau de evolução, será maior ou menor a materialidade dos corpos físicos dos seus habitantes. O perispírito guarda relação, quanto à sua composição, com esse grau de materialidade. Admitindo-se que um Espírito emigre da Terra, aí ficará o seu envoltório fluídico, porquanto o Espírito precisa tomar um outro envoltório fluídico apropriado ao planeta em que passará a viver.

4. A natureza do envoltório fluídico guarda sempre relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. À condição moral do Espírito corresponde, por assim dizer, uma determinada densidade do perispírito. Maior elevação, menor densidade fluídica. Maior inferioridade, maior densidade, isto é, perispírito mais grosseiro, com maior condensação fluídica. É claro que, apesar de mais densos, os envoltórios fluídicos mais grosseiros continuam imponderáveis.

Cada perispírito tem uma densidade, um peso específico próprio

5. No cap. XIII da obra acima, citada, Clarêncio assevera que o veículo espiritual é, por excelência, vibrátil e se modifica profundamente, segundo o tipo de emoção que lhe flui do âmago. Como ninguém ignora, em nosso próprio meio a máscara física altera-se na alegria ou no sofrimento, na simpatia ou na aversão. No plano espiritual, semelhantes transformações são mais rápidas e exteriorizam aspectos íntimos do ser, com facilidade e segurança, porque as moléculas do perispírito giram em mais alto padrão vibratório, com movimentos mais intensivos que as moléculas do corpo carnal.

6. Pode-se, assim, dentro da relatividade das coisas, admitir um peso específico para o perispírito. Os de maior peso específico chumbam os Espíritos às regiões inferiores, impossibilitando-lhes o acesso a planos mais elevados e, por isso mesmo, o ingresso em mundos de maior elevação espiritual. A acentuada densidade do perispírito de grande número de Espíritos leva-os a confundir-lo com o corpo material que utilizaram durante sua última encarnação. Esse é um dos motivos que levam muitos a se considerarem ainda encarnados e a viverem na Terra, imaginando-se entregues a ocupações que lhes eram habituais.

7. O perispírito dos Espíritos superiores, de reduzido peso específico, confere-lhes uma leveza que lhes permite viver em planos mais elevados e deslocar-se a outros mundos. Eles podem, evidentemente, descer aos planos inferiores e, dada a sutileza do seu envoltório, não serão percebidos pelas entidades desencarnadas inferiores.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

8. Quando encarnado, o Espírito mantém o envoltório perispirítico, constituindo o corpo material um segundo envoltório, mais grosseiro, apropriado ao meio físico em que vive. O perispírito serve, em tal situação, de intermediário entre a alma e o corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações, quer partam do Espírito, quer venham do exterior, através do corpo físico. Devido ao estado grosseiro da matéria, os Espíritos não podem agir diretamente sobre ela. Fazem-no, então, por meio do seu perispírito. Os fluidos perispiríticos constituem-se, dessa forma, sob a ação da vontade, em verdadeiras alavancas que lhes permitem produzir ruídos, pancadas, deslocamentos de objetos etc.

A matéria não oferece obstáculo algum ao perispírito e aos Espíritos

9. Em condições normais, o perispírito é invisível, mas pode tornar-se visível em razão das modificações que venha a experimentar pela ação da vontade do Espírito. Essas modificações consistem numa espécie de condensação ou em novos arranjos das moléculas que o compõem, mas isso requer a existência de certas circunstâncias que não dependem apenas do Espírito. Para tornar-se visível a alguém, ele precisa de permissão, que nem sempre lhe é dada.

10. Nas aparições, o perispírito apresenta-se comumente com aspecto vaporoso e diáfano. De outras vezes, tem as formas delineadas e os traços bem nítidos, podendo apresentar a solidez de um corpo físico, isto é, tangível, o que não o impede de retomar instantaneamente o estado normal de invisibilidade e intangibilidade.

11. A matéria – tal como a conhecemos em nosso mundo – não oferece obstáculo algum ao perispírito, porque a condição etérea do corpo espiritual lhe confere a propriedade de penetrabilidade. Ele atravessa a matéria como a luz atravessa os corpos transparentes. Eis por que portas e janelas fechadas não impedem que ali penetrem os Espíritos.

12. Como já foi dito, é das camadas de fluidos espirituais que envolvem a Terra que os Espíritos formam o seu envoltório perispirítico. Esses fluidos não são homogêneos; por isso, conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, seu perispírito se formará das partes mais puras ou mais grosseiras do fluido peculiar ao planeta em que vai se encarnar. Nesse processo, o Espírito atrai automaticamente as moléculas que se afinam com o seu padrão vibratório.

13. Não é, pois, idêntica a constituição íntima do perispírito dos indivíduos que povoam a Terra e o espaço que a circunda, fato que não se dá com o corpo material, formado pelos mesmos elementos, independentemente da elevação espiritual das pessoas. O envoltório perispirítico dos Espíritos modifica-se com o progresso moral que eles realizam em cada existência, ainda que reencarnem no mesmo meio. Assim, os Espíritos superiores, mesmo quando reencarnem em mundos inferiores, terão perispírito menos grosseiro do que o perispírito dos Espíritos vinculados, devido ao seu nível evolutivo, a esses mundos.

Bibliografia:

Kardec Allan, A Gênese, (itens 7 a 10, pp. 276 a 279.)

Kardec Allan, Obras Póstumas, (itens 10 a 16, pp. 45 a 47.)

André Luiz, Entre a Terra e o Céu, (cap. XIII e XXIX.)

Perispírito & Evolução

A Alma pura se embriaga com os gozos da vida superior, das magníficas harmonias do Infinito

“O perispírito ou corpo fluídico dos Espíritos é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico universal.” - Allan Kardec (1)

Na questão 93 de “O Livro dos Espíritos”, o Mestre Lionês recebe dos Espíritos Superiores a informação seguinte: “O Espírito está envolvido por uma substância vaporosa, porém muito grosseira para nós, ainda que, sem embargo, suficientemente vaporosa para os encarnados, permitindo sustentar-se na atmosfera e trasladar-se para onde queira”.

O perispírito é constituído da condensação do fluido cósmico universal em torno de um foco de inteligência ou Alma.

O corpo perispiritual e o corpo carnal se originam no mesmo elemento primitivo: um e outro são matéria, ainda que em estados diferentes, já que no perispírito a transformação molecular se opera de outra maneira, conservando o fluido suas qualidades etéreas.

Kardec explica(2):

“Os Espíritos conformam seus perispíritos com os elementos do meio em que se encontram, isto é, esse envoltório se integra com os fluidos próprios do ambiente; em consequência, os elementos constitutivos do perispírito variam de acordo com os mundos. Júpiter é considerado um mundo muito avançado em comparação com o nosso; lá a vida corporal não possui a materialidade grosseira que existe na Terra, portanto os corpos perispirituais devem ser de natureza infinitamente mais quintessenciada que em nosso Planeta.

Ao abandonar a Terra, o Espírito reveste seu envoltório fluídico com os fluidos apropriados ao mundo ao qual deve se trasladar. A natureza do envoltório fluídico se relaciona, também, sempre com o grau de progresso moral do Espírito. Em razão do maior ou menor grau de pureza do Espírito, seu perispírito se revestirá com as partículas mais puras ou grosseiras do fluido próprio do mundo em que deva encarnar.

A natureza perispiritual de um mesmo Espírito vai se modificando em cada encarnação à medida que progride moralmente, ainda que continue encarnando no mesmo meio. Os Espíritos Superiores encarnados excepcionalmente em missão em um mundo inferior possuem um perispírito menos grosseiro que o dos nativos desse mundo”.

Não fica, portanto, difícil compreender a importância do perispírito no contexto da evolução.

Segundo Léon Denis, no livro “Depois da Morte”, as “relações seculares dos homens e dos Espíritos, confirmadas e explicadas pelas recentes experiências do Espiritismo, demonstram a sobrevivência do ser sob uma forma fluídica mais perfeita. Essa forma indestrutível, companheira e servidora da Alma, testemunha de suas lutas e de seus sofrimentos, participa, como temos visto, de suas peregrinações e se eleva e se purifica com ela.

Formado nas regiões inferiores, o ser perispiritual ascende, lentamente, pela escala das existências. Só no princípio ele é um ser rudimentar, um bosquejo incompleto. Ao chegar à Humanidade, começa a refletir sentimentos mais elevados; a inteligência resplandece com maior poder, e o perispírito se ilumina de novos resplendores. De vida em vida, à medida que as suas faculdades se estendem, as aspirações se purificam e o campo do conhecimento se alarga, o perispírito se enriquece de novos sentidos. Cada vez que termina uma encarnação, como uma borboleta que escapa de sua crisálida, o corpo espiritual se livra dos andrajos da carne. A Alma

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

volta a recobrar-se por inteiro e livre. Considerando-se o manto fluídico que a recobre em seu aspecto esplêndido ou miserável, se comprova seu próprio estado de adiantamento.

Do mesmo modo que os troncos das árvores vetustas conservam em si as pegadas de seus desenvolvimentos anuais, assim também o perispírito conserva, sob sua aparência presente, os vestígios das vidas anteriores, dos estados percorridos sucessivamente. Esses vestígios repousam em nossa individualidade, frequentemente esquecidos, mas quando a Alma os evoca despertando suas recordações reaparecem como testemunhas que – larga e penosamente – balizam os caminhos.

Os Espíritos retrógrados têm envoltórios espessos, impregnados de fluidos materiais. Sentem, ainda, depois da morte, as impressões e as necessidades da vida terrena. A fome, o frio e a dor existem para os mais grosseiros. Seu organismo fluídico, escurecido pelas paixões, não pode vibrar senão debilmente, e suas percepções são muito mais restritas. Não sabem nada da vida do Espaço; tudo são trevas neles e ao seu redor.

A Alma pura, livre das atrações bestiais, transforma seu perispírito e o faz semelhante a ela. Quanto mais sutil é seu perispírito, com mais força vibra e mais se estendem suas percepções e suas sensações. Participa, de certo modo, de uma existência cuja ideia apenas podemos ter mui superficialmente. A Alma pura se embriaga com os gozos da vida superior, das magníficas harmonias do Infinito.

Tal é a tarefa do Espírito humano e tal é a sua recompensa por seus amplos trabalhos: prover-se de novos sentidos, de uma delicadeza e de uma potência sem limites; dominar suas paixões brutais, fazer do espesso envoltório primitivo uma forma diáfana, resplandecente de luz. Eis aí a obra assinada a todos e que todos devem perseguir através das etapas inumeráveis, no caminho maravilhoso que os mundos traçam em sua caminhada”.

(1) **Kardec** Allan, A Gênese, (cap. XIV, item 7.)

(2) **Kardec** Allan, A Gênese, (cap. XIV, itens 8 a 10.)

V – DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS

96. São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia?

“São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.”

97. As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são em número determinado?

“São ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais.

“Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.”

98. Os Espíritos da segunda ordem, para os quais o bem constitui a preocupação dominante, têm o poder de praticá-lo?

“Cada um deles dispõe desse poder, de acordo com o grau de perfeição a que chegou. Assim, uns possuem ciência, outros a sabedoria e a bondade. Todos, porém, ainda têm que sofrer provas.”

99. Os da terceira categoria são todos essencialmente maus?

“Não; uns há que não fazem nem o mal nem o bem; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando se lhes depara ocasião de praticá-lo. Há também os levianos ou estouvados, mais perturbadores do que malignos, que se comprazem antes na malícia do que na malvadez e cujo prazer consiste em mistificar e causar pequenas contrariedades, de que se riem.”

Diferentes ordens de Espíritos: Escala Espírita

A escala espírita é, de certo modo, a chave da ciência espírita

1. Há diferentes ordens de Espíritos, de conformidade com o grau de perfeição que hajam alcançado. Como não existem linhas de demarcação definidas entre essas ordens, seu número é ilimitado. Considerando, no entanto, as características gerais dos Espíritos, podemos classificá-los em três ordens principais:

1. Ordem – Espíritos Puros: os que já chegaram à perfeição.
2. Ordem – Bons Espíritos: os seres em que o desejo do bem é predominante.
3. Ordem – Espíritos Imperfeitos: aqueles em que predominam a ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más, que lhes retardam o progresso.

2. Esta classificação pode desdobrar-se em nuances que variam ao infinito. Mas existem caracteres bem definidos que permitem agrupar os Espíritos de acordo com suas tendências e aptidões, constituindo-se numa escala ou num quadro que, no dizer de Kardec, “é, de certo modo, a chave da ciência espírita, porquanto só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam”.

3. Com base nessas considerações, o Codificador do Espiritismo subdividiu as ordens acima mencionadas em dez classes, como adiante veremos.

Os Espíritos Imperfeitos não compreendem a Deus

4. A 3ª Ordem (Espíritos Imperfeitos) apresenta como caracteres gerais o predomínio da matéria sobre o Espírito, a propensão para o mal, a intuição mas não compreensão de Deus. Subdivide-se a 3ª Ordem em cinco classes principais:

10ª Classe – Espíritos Impuros: em que o mal é o objeto de suas preocupações, a linguagem é grosseira e muito baixas as suas inclinações.

9ª Classe – Espíritos Levianos: seres ignorantes e inconsequentes, mais maliciosos que maus, cuja linguagem é alegre, irônica e superficial.

8ª Classe – Espíritos Pseudossábios: que possuem algum conhecimento, mas que julgam saber mais do que sabem, com linguagem de caráter sério e que, todavia, mistura verdades com suas próprias paixões e preconceitos.

7ª Classe – Espíritos Neutros: seres apegados às coisas do mundo que não são suficientemente bons para praticarem o bem, nem maus o bastante para fazerem o mal.

6ª Classe – Espíritos Batedores ou Perturbadores: seres cuja presença se manifesta por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas e deslocamento de corpos sólidos; são agentes dos elementos do globo e deles se servem os Espíritos Superiores para produzirem fenômenos dessa natureza.

Os Bons Espíritos têm como característica o desejo do bem

5. A 2ª Ordem (Bons Espíritos) tem como característica o predomínio do Espírito sobre a matéria, o desejo do bem e a compreensão de Deus. Contudo, os Espíritos que a formam têm ainda de passar por provas. Uns possuem a ciência, outros a bondade e a sabedoria; os mais adiantados juntam ao seu saber as qualidades morais. A 2ª Ordem subdivide-se em quatro classes principais:

5ª Classe – Espíritos Benévolos: em que a bondade é a qualidade dominante.

4ª Classe – Espíritos Sábios: que têm mais aptidão para as questões científicas do que para as morais.

3ª Classe – Espíritos Prudentes ou de Sabedoria: que apresentam elevadas qualidades morais e capacidade intelectual que lhes permite analisar com precisão os homens e as coisas.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

2ª Classe – Espíritos Superiores: que reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade, e buscam comunicar-se com os que aspiram à verdade. Os Espíritos Superiores encarnam-se na Terra apenas em missão de progresso e caracterizam o tipo de perfeição a que podemos aspirar neste mundo.

6. A 1ª Ordem (Espíritos Puros) apresenta como caracteres gerais não estar sujeita a nenhuma influência da matéria e revelar superioridade intelectual e moral absoluta com relação aos Espíritos das outras ordens. Uma única classe a compõe:

1ª Classe ou classe única – Espíritos Puros: seres que já percorreram todos os graus da escala e, desse modo, se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura humana, não têm mais que sofrer provas ou expiações.

7. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, os Espíritos Puros gozam de inalterável felicidade porque não se acham submetidos às necessidades e às vicissitudes da vida material.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (Itens 100 a 113.)

Diferentes ordens e progressão dos Espíritos

Todos os Espíritos um dia chegarão à perfeição

1. Todos os Espíritos que povoam o Universo foram criados por Deus simples e ignorantes, isto é, sem nenhum conhecimento, mas destinados de igual forma à perfeição. Aliás, é no estado de perfeição que eles poderão desfrutar a verdadeira felicidade, decorrente do pleno conhecimento das leis que regem a vida e de sua plena vivência.
2. O ensino espírita é taxativo: todos os Espíritos podem chegar um dia à perfeição, mas entre esses dois extremos – a criação e a perfeição – existe um caminho que cabe a todos os Espíritos trilhar e que representa a conquista gradativa do conhecimento das leis que governam a vida e a obra da criação.
3. Deus propicia a todos os seus filhos os meios necessários para essa conquista, criando até mesmo necessidades nos Espíritos, que, com o objetivo de atendê-las, precisam agir.
4. É assim, por meio de sua ação, que os Espíritos progridem, conquistam os conhecimentos, desenvolvem e educam os sentimentos, adquirindo gradativamente as virtudes que lhes propiciarão chegar ao estado de perfeição.

Foi o homem que criou o mal ao afastar-se de Deus

5. É fácil entender que a ascensão do Espírito, do estado de ignorância para o estado de sabedoria, depende tão-somente do seu trabalho e dos seus esforços. Esse é um fato que é preciso enfatizar, visto que o trabalho é a parte que lhe cabe, parte intransferível, uma vez que os recursos necessários são propiciados por Deus a todos, em igualdade de condições.
6. Deus – ensina o Espiritismo – não aquinhoa melhor a uns do que a outros, porquanto é justo e, sendo pai de todos, não tem predileções. O Criador somente lhes diz: “Eis a lei que deve constituir a vossa norma de conduta; ela só pode levar-vos ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem, tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou infringir esta lei, e assim sereis os árbitros da vossa própria sorte”.
7. Do ensino que nos vem dos Espíritos superiores, aprendemos que Deus não criou o mal e que todas as suas leis são voltadas para o bem. Foi o homem que criou o mal ao afastar-se de Deus e da observância de suas leis. Se ele as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho.
8. Observa-se também que é a lei de liberdade que rege o progresso dos Espíritos, porque é através do seu trabalho e com o uso do seu livre-arbítrio que eles vão, de forma voluntária e consciente, conquistando as virtudes que não possuem e desfazendo-se de suas imperfeições. Depende apenas dos próprios Espíritos chegar à perfeição
9. Dissertando sobre a escolha que a criatura faz de seguir esse ou aquele caminho, esclarecem os Espíritos superiores: “O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram” (O Livro dos Espíritos, questão 122).

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

10. Na sequência, quando Kardec pergunta se a influência exercida pelos Espíritos inferiores só ocorre sobre o indivíduo em sua origem, os imortais explicam: “Acompanha-o na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistam de obsidiá-lo” (Obra e questão citadas).

11. Conclui-se de tudo isso que a plena e eterna felicidade está à nossa espera e que poderemos desfrutá-la quando chegarmos à condição de Espíritos Puros. Meios para alcançá-la, Deus no-los oferece. Depende apenas de nós, por meio do trabalho e do adequado uso do livre-arbítrio, abreviar essa chegada.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 114 a 127.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, (1ª Parte, cap. 8, itens 12 a 15.)

VI – ESCALA ESPÍRITA

100. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES. — A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem.

Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão.

Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência. Assim, é natural que inquiridos sobre este ponto, hajam os Espíritos divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha valor algum. Entretanto, não faltou quem se agarrasse a esta contradição aparente, sem refletir que os Espíritos nenhuma importância ligam ao que é puramente convencional. Para eles, o pensamento é tudo. Deixam-nos a nós a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, os sistemas.

Façamos ainda uma consideração que se não deve jamais perder de vista, a de que entre os Espíritos, do mesmo modo que entre os homens, há os muito ignorantes, de maneira que nunca serão demais as cautelas que se tomem contra a tendência a crer que, por serem Espíritos, todos devam saber tudo. Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem limitados conhecimentos são, como neste mundo, os ignorantes, os inaptos a apreender uma síntese, a formular um sistema. Só muito imperfeitamente percebem ou compreendem uma classificação qualquer. Consideram da primeira categoria todos os Espíritos que lhes são superiores, por não poderem apreciar as gradações de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como sucede entre nós a um homem rude com relação aos civilizados. Mesmo os que sejam capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes, quanto às particularidades, conformemente aos pontos de vista em que se achem, sobretudo se se trata de uma divisão, que nenhum cunho absoluto apresente. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que a Botânica houvesse em consequência experimentado modificação alguma. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres. Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também nós procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres. Vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram.

Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição.

Esta divisão nos pareceu perfeitamente racional e com caracteres bem positivados. Só nos restava pôr em relevo, mediante subdivisões em número suficiente, os principais matizes do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram.

Com o auxílio desse quadro, fácil será determinar-se a ordem, assim como o grau de superioridade ou de inferioridade dos que possam entrar em relações conosco e, por conseguinte, o grau de confiança ou de estima que mereçam.

É, de certo modo, a chave da ciência espírita, porquanto só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos acerca das desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Faremos, todavia, notar que estes não ficam pertencendo, exclusivamente, a tal ou tal

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

classe. Sendo sempre gradual o progresso deles e muitas vezes mais acentuado num sentido do que em outro, pode acontecer que muitos reúnam em si os caracteres de várias categorias, o que seus atos e linguagem tornam possível apreciar-se.

TERCEIRA ORDEM. – ESPÍRITOS IMPERFEITOS

101. CARACTERES GERAIS. — Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são consequentes.

Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, já denotam a sua inferioridade.

Outros, ao contrário, se comprazem no mal e rejubilam quando uma ocasião se lhes depara de praticá-lo.

A inteligência pode achar-se neles aliada à maldade ou à malícia; seja, porém, qual for o grau que tenham alcançado de desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e mais ou menos abjetos seus sentimentos.

Restritos conhecimentos têm das coisas do mundo espírita e o pouco que sabem se confunde com as ideias e preconceitos da vida corporal. Não nos podem dar mais do que noções errôneas e incompletas; entretanto, nas suas comunicações, mesmo, imperfeitas, o observador atento encontra a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Na linguagem de que usam se lhes revela o caráter.

Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem. Consequentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito desta ordem.

Eles veem a felicidade dos bons e esse espetáculo lhes constitui incessante tormento, porque os faz experimentar todas as angústias que a inveja e o ciúme podem causar.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é muitas vezes mais penosa do que a realidade. Sofrem, pois, verdadeiramente, pelos males de que padeceram em vida e pelos que ocasionam aos outros. E, como sofrem por longo tempo, julgam que sofrerão para sempre. Deus, para puni-los, quer que assim julguem.

Podem compor cinco classes principais.

102. Décima classe. ESPÍRITOS IMPUROS. — São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos pérfidos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam.

Nas manifestações dão-se a conhecer pela linguagem.

A trivialidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos, como nos homens, é sempre indício de inferioridade moral, senão também intelectual. Suas comunicações exprimem a baixeza de seus pendores e, se tentam iludir, falando com sensatez, não conseguem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por se traírem.

Alguns povos os arvoraram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal.

Quando encarnados, os seres vivos que eles constituem se mostram propensos a todos os vícios geradores das paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a felonía, a hipocrisia, a cupidez, a avaréza sórdida. Fazem o mal por prazer, as mais das vezes sem motivo, e, por ódio ao bem, quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, pouco importando a categoria social a que pertencem, e o verniz da civilização não os livra do opróbrio e da ignomínia.

103. Nona classe. ESPÍRITOS LEVIANOS. — São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de duendes, trasgos, gnomos, diabretes. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos servidores. Em suas comunicações com os homens, a linguagem de que se servem é, amiúde, espirituosa e faceta, mas quase sempre sem profundidade de ideias. Aproveitam-se das esquisitices e dos ridículos humanos e os apreciam, mordazes e satíricos. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade.

104. Oitava classe. ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS. — Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém, creem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes. Mas, em geral, isso não passa de reflexo dos preconceitos e ideias sistemáticas que nutriam na vida terrena. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais polpidos, através dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que ainda não puderam despir-se.

105. Sétima classe. ESPÍRITOS NEUTROS. — Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades.

106. Sexta classe. ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES. — Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais. Podem caber em todas as classes da terceira ordem. Manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar, etc. Afiguram-se, mais do que outros, presos à matéria. Parecem ser os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer atuem sobre o ar, a água, o fogo, os corpos duros, quer nas entranhas da terra. Reconhece-se que esses fenômenos não derivam de uma causa fortuita ou física, quando denotam caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir tais fenômenos, mas os de ordem elevada os deixam, de ordinário, como atribuições dos subalternos, mais aptos para as coisas materiais do que para as coisas da inteligência; quando julgam úteis as manifestações desse gênero, lançam mão destes últimos como seus auxiliares.

SEGUNDA ORDEM. — BONS ESPÍRITOS

107. CARACTERES GERAIS. — Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme a categoria que ocupem, os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une lhes é fonte de inefável ventura, que não tem a perturbá-la nem a inveja, nem os remorsos, nem nenhuma das más paixões que constituem o tormento dos Espíritos imperfeitos. Todos, entretanto, ainda têm que passar por provas, até que atinjam a perfeição.

Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhes mostram dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles a quem não é grato sofrê-la.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com os seus semelhantes. Não os movem o orgulho, nem o egoísmo, ou a ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Em épocas de superstições e de ignorância, eles não são elevados à categoria de divindades benfazejas.

Podem ser divididos em quatro grupos principais:

108. Quinta classe. ESPÍRITOS BENÉVOLOS. — A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Não progrediram mais no sentido moral do que no sentido intelectual.

109. Quarta classe. ESPÍRITOS SÁBIOS. — Distinguem-se pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.

110. Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA. — As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza.

Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas.

111. Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES. — Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacentemente com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM. — ESPÍRITOS PUROS

112. CARACTERES GERAIS. — Nenhuma influência da matéria.

Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.

113. Primeira classe. CLASSE ÚNICA. — Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima. São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

Podem os homens pôr-se em comunicação com eles, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

Crônicas e Artigos

96 – 01/03/2009

O Consolador – (Cristiano Macedo)

VI. Escala Espírita

A Escala Espírita

Allan Kardec chamou de Escala Espírita a classificação dos Espíritos.

Com ela podemos saber qual o nível dos Espíritos que entram em contato conosco, 'bem como saber onde nos encaixamos nela e quanto nos falta para atingir a perfeição.

A Escala Espírita seguiu esta ordem de publicação:

1º O Livro dos Espíritos, 1ª edição, 1857.

2º Revista Espírita, Fevereiro de 1858,

3º Instrução Prática das Manifestações Espíritas (1858).

4º O Livro dos Espíritos, 2ª edição (1860).

Os rudimentos desta classificação aparecem em 1857, na primeira edição de O Livro dos Espíritos.

Do item 55 ao 57, os Espíritos apresentam a Allan Kardec três ordens de Espíritos:

1ª Espíritos puros;

2ª Espíritos bons;

3ª Espíritos imperfeitos.

Comentando as respostas dos Espíritos, Allan Kardec inicia uma classificação da terceira ordem, apresentando-a assim:

1º Os Espíritos neutros: Os que não são bastante bons para fazer o bem nem bastante maus para fazer o mal.

2º Os Espíritos impuros: Os que são inclinados ao mal que é o objeto de suas preocupações.

3º Os esprits follets (1): “São levianos, malignos, insensatos, mais turbulentos que maus; metem-se em tudo e se comprazem em causar pequenos desgostos e risotas, ou de induzir maliciosamente em erro para mistificações. Podem ser designados também pelos termos lunáticos, tentadores.”

Em fevereiro de 1858 a Escala Espírita é publicada pela primeira vez com esse título.

Nessa oportunidade Allan Kardec deixa claro alguns pontos da elaboração da Escala (2):

1º – O que demarca as diferenças dos Espíritos:

“Não pertencem eternamente à mesma ordem e que, em consequência, essas ordens não constituem espécies distintas: são graus do desenvolvimento”;

“A classificação dos Espíritos é baseada em seu grau de progresso, nas qualidades adquiridas e nas imperfeições de que devem despojar-se”.

2º – Sobre as fronteiras entre uma classe e outra:

“Cada categoria só apresenta um caráter marcante no seu conjunto; mas de um a outro grau a transição é insensível e nos limites a nuance se apaga, como nos ramos da Natureza, nas cores do arco-íris ou nos vários períodos da vida humana. Pode-se pois formar um maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista sob o qual se considerar o assunto”.

3º – Sobre a participação dos Espíritos e de Allan Kardec na confecção da Escala:

“Para eles o pensamento é tudo: deixam-nos a forma e a escolha das expressões, as classificações — numa palavra, os sistemas”;

“É que eles [os sábios botânicos] não inventaram as plantas nem seus caracteres; observaram as analogias e, segundo estas, formaram grupos ou classes. Assim também nós: nem inventamos os Espíritos nem seus caracteres; **vimos e observamos. Julgamo-los por suas palavras e atos, depois os classificamos por suas similitudes.** Eis o que qualquer um, em nosso caso, teria feito”;

“Não podemos reivindicar a autoria de todo o trabalho. Se o quadro que damos a seguir não foi traçado textualmente pelos Espíritos e **se é nossa a iniciativa**, todos os elementos que o

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

compõem foram hauridos em seus ensinamentos: **o que nos restava era apenas formular uma disposição material**".

Aqui, Allan Kardec retoma o que os Espíritos lhe apresentaram em 1857:

"Os Espíritos geralmente admitem três categorias principais ou grandes divisões. Na última, na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, que devem ainda percorrer todas ou quase todas as etapas; são caracterizados pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela inclinação para o mal. Os da segunda são caracterizados pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, enfim, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo de perfeição".

E esclarece sobre sua participação:

"Esta divisão nos parece perfeitamente racional e apresenta caracteres bem definidos. **Só nos restava destacar, em número suficiente de divisões, as nuances principais do conjunto**; foi o que fizemos **com o concurso dos Espíritos**, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram". Ainda em 1858, no primeiro semestre, é publicado o livro Instrução Prática das Manifestações Espíritas.

No primeiro capítulo de Instrução, Allan Kardec afirma que a diferenciação das ordens dos Espíritos é um dos mais importantes princípios da Doutrina Espírita.

Não houve mais alterações na Escala até 1860.

Com a publicação da segunda edição de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec traz uma nova classe de Espíritos à Escala. Se anteriormente ela continha 9 classes, agora são 10.

Na realidade, não surge uma classe do "nada". A classe dos "Espíritos batedores" já estava contida na oitava classe, a dos Espíritos Levianos.

Para finalizar, eis um esquema apresentando as transformações da Escala:

1857

1ª ordem Espíritos puros	
2ª ordem Espíritos bons	
3ª ordem Espíritos imperfeitos	Espíritos neutros Espíritos impuros <i>Esprits follets</i>

1858

1ª ordem Espíritos puros	Classe única
2ª ordem Espíritos bons	2ª classe ESPÍRITOS SUPERIORES 3ª classe ESPÍRITOS SÁBIOS 4ª classe ESPÍRITOS CULTOS 5ª classe ESPÍRITOS BENEVOLENTES
3ª ordem Espíritos imperfeitos	6ª classe ESPÍRITOS NEUTROS 7ª classe ESPÍRITOS PSEUDO- SÁBIOS 8ª classe ESPÍRITOS LEVIANOS 9ª classe ESPÍRITOS IMPUROS

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

1860

1ª ordem Espíritos puros	Classe única
2ª ordem Espíritos bons	2ª classe ESPÍRITOS SUPERIORES 3ª classe ESPÍRITOS SÁBIOS 4ª classe ESPÍRITOS CULTOS 5ª classe ESPÍRITOS BENEVOLENTES
3ª ordem Espíritos imperfeitos	6ª classe ESPÍRITOS BATEDORES 7ª classe ESPÍRITOS NEUTROS 8ª classe ESPÍRITOS PSEUDO- SÁBIOS 9ª classe ESPÍRITOS LEVIANOS 10ª classe IMPUROS

Referências:

- (1) Segundo o dicionário: follet: maluco, tonto; travesso; esprit follet, duende.
Em 1858, Kardec muda o nome dessa classe para Esprits légers, Espíritos levianos.

VII – PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS

114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

“São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.”

115. Dos Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento.

Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros, só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.”

a) — Segundo o que acabais de dizer, os Espíritos, em sua origem, seriam como as crianças, ignorantes e inexperientes, só adquirindo pouco a pouco os conhecimentos de que carecem com o percorrerem as diferentes fases da vida?

“Sim, a comparação é boa. A criança rebelde se conserva ignorante e imperfeita. Seu aproveitamento depende da sua maior ou menor docilidade. Mas, a vida do homem tem termo, ao passo que a dos Espíritos se prolonga ao infinito.”

116. Haverá Espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores?

“Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas demoradamente, porquanto, como já doutra vez dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Pretenderias que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?”

117. Depende dos Espíritos o progredirem mais ou menos rapidamente para a perfeição?

“Certamente. Eles a alcançam mais ou menos rápido, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa do que outra recalcitrante?”

118. Podem os Espíritos degenerar?

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrógrada.”

119. Não podia Deus isentar os Espíritos das provas que lhes cumpre sofrer para chegarem à primeira ordem?

“Se Deus os houvesse criado perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta? Demais, a desigualdade entre eles existente é necessária às suas personalidades.

Acresce ainda que as missões que desempenham nos diferentes graus da escala estão nos desígnios da Providência, para a harmonia do Universo.”

Pois que, na vida social, todos os homens podem chegar às mais altas funções, seria o caso de perguntar-se por que o soberano de um país não faz de cada um de seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são funcionários superiores; por que todos os colegas não são mestres. Ora, entre a vida social e a espiritual há esta diferença: enquanto que a primeira é limitada e nem sempre permite que o homem suba todos os seus degraus, a segunda é indefinida e a todos oferece a possibilidade de se elevarem ao grau supremo.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

120. Todos os Espíritos passam pela feira do mal para chegar ao bem?

“Pela feira do mal, não; pela feira da ignorância.”

121. Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

“Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.”

122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra?

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.”

a) — Onde vêm as influências que sobre ele se exercem?

“Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que rejubilam com o fazê-lo sucumbir.

Foi isso o que se intentou simbolizar na figura de Satanás.”

b) — Tal influência só se exerce sobre o Espírito em sua origem?

“Acompanha-o na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistem de obsidiá-lo.”

123. Por que há Deus permitido que os Espíritos possam tomar o caminho do mal?

“Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios? Podeis, todavia, dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que ele deixa a cada um, porquanto, assim, cada um tem o mérito de suas obras.”

124. Pois que há Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, deve haver, sem dúvida, gradações entre esses dois extremos. Não?

“Sim, certamente, e os que se acham nos graus intermédios constituem a maioria.”

125. Os Espíritos que enveredaram pela senda do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?

“Sim; mas as eternidades lhes serão mais longas.”

Por estas palavras — as eternidades — se deve entender a ideia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade de seus sofrimentos, cujo termo não lhes é dado ver, ideia que revive todas as vezes que sucumbem numa prova.

126. Chegados ao grau supremo da perfeição, os Espíritos que andaram pelo caminho do mal têm, aos olhos de Deus, menos mérito do que os outros?

“Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para os outros e a todos ama com o mesmo coração.

Aqueles são chamados maus, porque sucumbiram. Antes, não eram mais que simples Espíritos.”

127. Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais?

“São criados iguais, porém, não sabendo donde vêm, preciso é que o livre-arbítrio siga seu curso. Eles progridem mais ou menos rapidamente em inteligência como em moralidade.”

Os Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem nem por isso são Espíritos perfeitos. Não têm, é certo, maus pendores, mas precisam adquirir a experiência e os

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

conhecimentos indispensáveis para alcançar a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade de seus instintos naturais, necessitam de se desenvolver e esclarecer e que não passam, sem transição, da infância à maturidade. Simplesmente, assim como há homens que são bons e outros que são maus desde a infância, também há Espíritos que são bons ou maus desde a origem, com a diferença capital de que a criança tem instintos já inteiramente formados, enquanto que o Espírito, ao formar-se, não é nem bom, nem mau; tem todas as tendências e toma uma ou outra direção, por efeito do seu livre-arbítrio.

Educação de Além Túmulo

“Uma mãe e suas três filhas, querendo estudar a Doutrina Espírita, não podiam ler duas páginas sem sentir um mal estar, de que não se davam conta. Um dia encontrei-me em casa dessas senhoras com uma jovem médium, sonâmbula muito lúcida; Esta adormeceu espontaneamente e viu perto de si um Espírito que reconheceu como o abade L., antigo cura do lugar, morto há uns dez anos.

P. – Sois vós, senhor cura, que impedis esta família de ler?

Resp. – Sim, sou eu. Velo incessantemente sobre o rebanho confiado aos meus cuidados. Há muito tempo que vos vejo querer instruir minhas penitentes em vossa triste doutrina. Quem vos deu o direito de ensinar? Fizestes estudos para isto?

P. – Dizei-me, senhor abade, estais no céu?

Resp. – Não; não sou bastante puro para ver a Deus.

P. – Então estais nas chamas do purgatório?

Resp. – Não, pois não sofro.

P. – Vistes o inferno?

Resp. – Fazei-me tremer! vós me perturbais! Não posso vos responder, porque talvez me digais que devo estar numa destas três coisas. Tremo ao pensar no que dizeis e, contudo, sou atraído para vós pela lógica de vossos raciocínios. Voltarei e discutirei convosco.

“Com efeito, ele voltou muitas vezes. Discutimos e ele compreendeu tão bem que o entusiasmo o ganhou. Ultimamente exclamava: ‘Sim, agora sou espírita, dizei-o a todos os que ensinam. Ah! como gostaria que compreendessem Deus como este anjo mo fez conhecer!’ Falava de Cárita, que tinha vindo a nós, e diante da qual ele caiu de joelhos, dizendo que não era um Espírito, mas um anjo. Desde esse momento ele tomou por missão instruir os que pretendem instruir os outros.”

Nosso correspondente acrescenta o seguinte fato:

“Entre os Espíritos que vêm ao nosso círculo, tivemos o doutor X. Que se apodera do nosso médium, e que é como uma criança. É preciso dar-lhe explicações sobre tudo; ele avança, compreende e está cheio de entusiasmo; vai junto dos sábios que conheceu; quer explicar-lhes o que vê, o que agora sabe, mas eles não o compreendem; então se irrita e os trata de ignaros. Um dia, numa reunião de dez pessoas, ele se apoderou da mocinha, como de hábito (a jovem médium, pela qual fala e age); perguntou-me quem era eu e por que sabia tanto sem nada ter aprendido; tomou-me a cabeça com as mãos e disse:

‘Eis a matéria; aí me reconheço; mas como estou aqui, eu? Como posso fazer falar este organismo que, entretanto, não é meu?

Falai-me da alma; mas onde está a que habita este corpo?’

“Depois de lhe ter feito notar o laço fluidico que une o Espírito ao corpo durante a vida, ele exclamou de repente, falando da jovem médium: ‘Conheço esta menina; eu a vi em minha casa; seu coração estava doente; como é que não está mais?

Dizei-me quem a curou.’ Fiz-lhe ver que se enganava e que jamais a tinha visto. – ‘Não, disse ele, não me engano, e a prova é que lhe piquei o braço e ela não sentiu nenhuma dor.’

“Quando a jovem despertou, nós lhe perguntamos se havia conhecido o doutor e se tinha ido consultá-lo. ‘Não sei, respondeu ela, se foi ele; mas, estando em Paris, levaram-me a um célebre médico, do qual não me lembro nem o nome, nem o endereço.’

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

“Suas ideias se modificam rapidamente; é agora um Espírito no delírio da felicidade do que sabe; queria provar a todo o mundo que o nosso ensino é incontestável.

O que sobretudo o preocupa é a questão dos fluidos. ‘Eu quero, diz ele, curar como o vosso amigo; não quero mais me servir de venenos; não os tomeis jamais.’

Estuda hoje o homem, não mais no seu organismo, mas em sua alma; fez-nos dizer como se operava a união da alma com o corpo na concepção, e pareceu muito feliz com isto.

O bom doutor Demeure veio em seguida e nos disse que não nos admirássemos com as perguntas, por vezes pueris, que ele poderia fazer-nos; e disse: Ele é como uma criança, a quem se deve ensinar a ler no grande livro da Natureza; mas, como é ao mesmo tempo uma grande inteligência, instrui-se rapidamente, e para isso nós concorreremos do nosso lado.”

Esses dois exemplos vêm confirmar estes três grandes princípios revelados pelo Espiritismo, a saber:

1o – Que a alma conserva no mundo dos Espíritos, por um tempo mais ou menos longo, as ideias e os preconceitos que tinha durante a vida terrestre;

2o – Que se modifica, progride e adquire novos conhecimentos no mundo dos Espíritos;

3o – Que os encarnados podem concorrer para o progresso dos Espíritos desencarnados.

Estes princípios, resultado de inumeráveis observações, têm uma importância capital, porque derrubam todas as ideias implantadas pelas crenças religiosas sobre o estado estacionário e definitivo dos Espíritos após a morte.

Desde que é demonstrado o progresso no estado espiritual, todas as crenças fundadas sobre a perpetuidade de uma situação uniforme qualquer caem diante da autoridade dos fatos.

Também caem diante da razão filosófica, que diz que o progresso é uma lei da Natureza, e que o estado estacionário dos Espíritos seria, ao mesmo tempo, a negação dessa lei e da justiça de Deus.

Progredindo o Espírito fora da encarnação, disso resulta esta outra consequência não menos capital: que, voltando à Terra, traz a dupla conquista das existências anteriores e da erraticidade.

Assim se realiza o progresso das gerações.

É incontestável que quando o médico e o padre, dos quais se falou acima, renascerem, trarão ideias e opiniões completamente diversas das que tinham na existência que acabam de deixar; um não será mais fanático, o outro não será mais materialista, e ambos serão espíritas.

O mesmo se pode dizer do doutor Morel Lavallé, do bispo de Barcelona e de tantos outros.

Há, pois, utilidade para o futuro da sociedade em se ocupar da educação dos Espíritos.

Progresso nas primeiras encarnações

Pergunta – Duas almas, criadas simples e ignorantes, que não conhecem o bem, nem o mal, vêm à Terra.

Se, numa primeira existência, uma seguir o caminho do bem, e a outra o do mal, já que, de certo modo, é o acaso que as conduz, elas não merecem castigo nem recompensa. Essa primeira viagem terrestre não deve ter servido senão para dar a cada uma delas a consciência de sua existência, consciência que antes não tinham.

Para ser lógico, seria preciso admitir que as punições e as recompensas só começariam a ser infligidas ou concedidas a partir da segunda encarnação, quando os Espíritos já soubessem distinguir entre o bem e o mal, experiência que lhes faltaria por ocasião de sua criação, mas que adquiririam por meio de sua primeira encarnação. Tal opinião tem fundamento?

Resposta – Embora esta pergunta já esteja resolvida pela Doutrina Espírita, vamos respondê-la, para a instrução de todos.

Ignoramos absolutamente em que condições se dão as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus.

Apenas sabemos que são criadas simples e ignorantes, tendo todas, assim, o mesmo ponto de partida, o que é conforme a justiça; o que sabemos ainda é que o livre-arbítrio só se desenvolve pouco a pouco e após numerosas evoluções na vida corpórea.

Não é, pois, nem após a primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem consciência bastante clara de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é senão após a centésima, talvez após a milésima.

Dá-se o mesmo com a criança, que não goza da plenitude de suas faculdades, nem um, nem dois dias após o nascimento, mas depois de anos.

E, ainda, quando a alma goza do livre-arbítrio, a responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência; é assim, por exemplo, que um selvagem que come os seus semelhantes é menos castigado que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça.

Sem dúvida os nossos selvagens estão muito atrasados em relação a nós e, no entanto, já se acham bem longe de seu ponto de partida.

Durante longos períodos, a alma encarnada é submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação; pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes ou, melhor dizendo, se equilibram com a inteligência; mais tarde, e sempre gradualmente, a inteligência domina os instintos. Só então é que começa a séria responsabilidade.

Além disso, o autor da pergunta comete dois erros graves: o primeiro é o de admitir que o acaso decida pelo bom ou mau caminho que o Espírito segue em seu princípio.

Se houvesse acaso ou fatalidade, toda responsabilidade seria injusta.

Como dissemos, o Espírito fica num estado inconsciente durante numerosas encarnações; a luz da inteligência não se faz senão aos poucos e a responsabilidade real só começa quando o Espírito age livremente e com conhecimento de causa.

O segundo erro é o de admitir que as primeiras encarnações humanas ocorrem na Terra.

A Terra já foi, mas não é mais, um mundo primitivo; os mais atrasados seres humanos encontrados em sua superfície já se despojaram das primeiras fraldas da encarnação e os nossos, selvagens estão em progresso, comparativamente ao que eram antes que seu Espírito viesse encarnar neste globo.

Que se julgue agora o número de existências necessárias a esses, selvagens para transpor todos os degraus que os separam da mais adiantada civilização; todos esses degraus intermediários se acham na Terra sem solução de continuidade e se pode segui-los observando as nuances que distinguem os diferentes povos; só o começo e o fim aí não se encontram; para nós o começo se perde nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

Aliás, isto pouco importa, pois tal conhecimento em nada nos adiantaria.

Não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que nossas imperfeições são o único obstáculo à nossa felicidade futura; portanto, estudemo-nos, a fim de nos aperfeiçoarmos.

No ponto em que estamos a inteligência está bastante desenvolvida para permitir ao homem julgar sensatamente o bem e o mal, e é também deste ponto que a sua responsabilidade é mais seriamente empenhada, já que não mais se pode dizer o que dizia Jesus:

“Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem.”

VIII – ANJOS E DEMÔNIOS

128. Os seres a que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?

“Não; são os Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.”

A palavra anjo desperta geralmente a ideia de perfeição moral.

Entretanto, ela se aplica muitas vezes à designação de todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo-mau; o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, o termo é sinônimo de Espírito ou de gênio. Tomamo-lo aqui na sua melhor acepção.

129. Os anjos não percorrido todos os graus da escala?

“Percorreram todos os graus, mas do modo que havemos dito: uns, aceitando sem murmurar suas missões, chegaram depressa; outros, gastaram mais ou menos tempo para chegar à perfeição.”

130. Sendo errônea a opinião dos que admitem a existência de seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas, como se explica que essa crença esteja na tradição de quase todos os povos?

“Fica sabendo que o mundo onde te achas não existe de toda a eternidade e que, muito tempo antes que ele existisse, já havia Espíritos que tinham atingido o grau supremo.

Acreditaram os homens que eles eram assim desde todos os tempos.”

131. Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se houvesse criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes.

São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em seu nome.”

A palavra demônio não implica a ideia de Espírito mau, senão na sua acepção moderna, porquanto o termo grego daímon, donde ela derivou, significa gênio, inteligência e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, indistintamente.

Por demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, se entendem seres essencialmente malfazejos. Como todas as coisas, eles teriam sido criados por Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres prepostos, por sua natureza, ao mal e condenados por toda a eternidade. Se não fossem obra de Deus, existiriam, como ele, desde toda a eternidade, ou então haveria muitas potências soberanas.

A primeira condição de toda doutrina é ser lógica. Ora, à dos demônios, no sentido absoluto, falta esta base essencial. Concebe-se que povos atrasados, os quais, por desconhecerem os atributos de Deus, admitem em suas crenças divindades malélicas, também admitam demônios; mas, é ilógico e contraditório que quem faz da bondade um dos atributos essenciais de Deus suponha haver ele criado seres destinados ao mal e a praticá-lo perpetuamente, porque isso equivale a lhe negar a bondade. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo. Não seremos nós quem conteste a autoridade de seus ensinamentos, que desejáramos ver mais no coração do que na boca dos homens; porém, estarão aqueles partidários certos do sentido que ele dava a esse vocábulo? Não é sabido que a forma alegórica constitui um dos caracteres distintivos da sua linguagem? Dever-se-á tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém? Não precisamos de outra prova além da que nos fornece esta passagem:

“Logo após esses dias de aflição, o Sol escurecerá e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu se abalarão. Em verdade vos digo que esta geração não passará, sem que todas estas coisas se tenham cumprido.”

Não temos visto a Ciência contraditar a forma do texto bíblico, no tocante à Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras de que se serviu o Cristo, que

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo I)

tinha de falar de acordo com os tempos e os lugares? Não é possível que ele haja dito conscientemente uma falsidade. Assim, pois, se nas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem, ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Como acreditaram na existência de seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de ser transitório o estado deles. São Espíritos imperfeitos, que se rebelam contra as provas que lhes tocam e que, por isso, as sofrem mais longamente, porém que, a seu turno, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem. Poder-se-ia, pois, aceitar o termo demônio com esta restrição. Como o entendem atualmente, dando-se-lhe um sentido exclusivo, ele induziria em erro, com o fazer crer na existência de seres especiais criados para o mal.

Satanás é evidentemente a personificação do mal sob forma alegórica, visto não se poder admitir que exista um ser mau a lutar, como de potência a potência, com a Divindade e cuja única preocupação consistisse em lhe contrariar os desígnios. Como precisa de figuras e imagens que lhe impressionem a imaginação, o homem pintou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram as qualidades ou os defeitos humanos.

É assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, o pintaram com a figura de um velho munido de uma foice e uma ampulheta. Representá-lo pela figura de um mancebo fora contrassenso. O mesmo se verifica com as alegorias da fortuna, da verdade, etc. Os modernos representaram os anjos, os puros Espíritos, por uma figura radiosa, de asas brancas, emblema da pureza; e Satanás com chifres, garras e os atributos da animalidade, emblema das paixões vis. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas individualidades reais, como vira outrora Saturno na alegoria do Tempo.

Crônicas e Artigos

340 – 01/12/20013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Céu e o inferno

VIII. Anjos e demônios

79. Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, porque a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e os outros globos. (Primeira Parte, cap. IX, item 20.)

80. Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons, mas tornaram-se maus por sua desobediência. Segundo o Espiritismo, os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração, e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se. (Primeira Parte, cap. IX, item 21.)

81. A doutrina vulgar acerca da natureza dos anjos, das almas e dos demônios, não admitindo a lei do progresso, mas percebendo a existência de seres de graus evolutivos diversos, concluiu que eles seriam produto de outras tantas criações especiais. Da mesma forma como fez as almas, Deus fez os anjos. E foi assim que chegou a fazer de Deus um pai parcial, que tudo concede a alguns de seus filhos, e a outros impõe os mais rudes trabalhos. (Primeira Parte, cap. IX, item 23.)

82. Não admira que por muito tempo os homens achassem justificação para tais preferências, quando eles mesmos delas usavam em relação a seus filhos, estabelecendo direitos de primogenitura e outros privilégios de nascimento. Poderiam tais homens acreditar que andavam mais errados do que Deus? Hoje, porém, alargou-se o círculo das ideias: o homem vê as coisas mais claramente e tem noções mais precisas de justiça. Desejando-a para si e nem sempre encontrando-a na Terra, ele quer pelo menos encontrá-la mais perfeita no Céu. Eis por que lhe repugna à razão toda e qualquer doutrina em que não resplandeça a Justiça Divina na plenitude de sua pureza. (Primeira Parte, cap. IX, item 23.)

83. As doutrinas acerca do demônio, prevalecendo por tanto tempo, haviam de tal maneira exagerado o seu poder, que fizeram, por assim dizer, esquecer Deus. Por toda a parte surgia o dedo de Satanás, bastando para tanto que o fato observado ultrapassasse os limites do poder humano. Até as coisas melhores, as descobertas mais úteis, sobretudo as que podiam abalar a ignorância e alargar o círculo das ideias – foram tidas muita vez por obras diabólicas. (Primeira Parte, cap. X, item 2.)

84. Os fenômenos espíritas de nossos dias, mais generalizados e mais bem observados à luz da razão e com o auxílio da Ciência, confirmaram a intervenção de inteligências ocultas, porém obrando dentro de Leis naturais e revelando por sua ação uma nova força e leis até então ignoradas. A questão reduz-se a saber, portanto, de que ordem são essas inteligências: almas dos mortos, anjos ou demônios? (Primeira Parte, cap. X, item 2.)

85. Das três categorias de anjos, admitidas pela Igreja, a primeira ocupa-se exclusivamente do Céu; a segunda, do governo do Universo, e a terceira, da Terra. É nesta última, pois, que se encontram os anjos de guarda encarregados da proteção de cada indivíduo. (Primeira Parte, cap. X, item 6.)